

CLASSE HOSPITALAR: LEGISLAÇÃO, CONCEPÇÕES E PRÁTICAS

Jaqueline de Souza Rigo

*Universidade Federal da Fronteira Sul
jaquinha_09@outlook.com*

Sonize Lepke

*Universidade Federal da Fronteira Sul
sonize.lepke@uffs.edu.br*

Eixo 07: Ciências Humanas

RESUMO

O presente estudo apresenta como objetivo geral compreender as práticas desenvolvidas na classe hospitalar, segundo a percepção dos profissionais que atuam no Hospital São Vicente de Paulo (HSVP) do município de Passo Fundo (RS). Optamos por desenvolver uma pesquisa qualitativa, utilizando o Estudo de Caso como estratégia investigativa. A produção dos dados aconteceu a partir de entrevistas semi-estruturadas e registros no Diário de Campo. Os principais resultados obtidos em relação às práticas pedagógicas desenvolvidas na Classe Hospitalar, apresentam que estas são fomentadas de acordo com as especificidades e possibilidades diárias de cada educando hospitalizado, elas acontecem de forma humanizada, com a parceria entre equipe pedagógica e de saúde.

Palavras-chave: Pedagogia Hospitalar; Escolarização Hospitalar; Classe hospitalar.

INTRODUÇÃO

Quando nos referimos à escolarização de crianças ou adolescentes que se encontram hospitalizada, surgem diversos questionamentos, incertezas e – muitas vezes – certa incompreensão por parte da sociedade e, até mesmo, dos próprios profissionais habilitados para este segmento. Uma das razões do porquê de isso acontecer deve-se à pouca visibilidade, complexidade e/ou profundidade dessa área de atuação dentro das matrizes curriculares responsáveis pelas licenciaturas. Outro motivo que reforça essa insipiência é a falta de informação tanto da existência desse serviço como a da necessidade de profissionais qualificados para a área nas instituições hospitalares.

Segundo Matos e Mugiatti (2009, p. 48), “[...] no Brasil a grande maioria dos hospitais não possui atendimento ao escolar hospitalizado.” As autoras inferem que isso acontece pois não há um reconhecimento satisfatório do direito à educação das crianças e dos jovens hospitalizados.

A classe hospitalar, no Brasil, é reconhecida por meio da criação de uma legislação para a criança e o adolescente hospitalizado, através da resolução nº 41 de outubro de 1995, no item nove, onde se registra que as crianças e os adolescentes possuem o “direito de desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, acompanhamento do currículo escolar durante sua permanência hospitalar” (Brasil, 1995).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 também reforça esse atendimento educacional em hospitais. O parágrafo 2º, art. 58 na LDB nº 9.394/96 expressa: “O atendimento será feito em classes, escolas, ou serviços especializados sempre que, em função das condições específicas do aluno não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular” (Brasil, 1996). A escolarização hospitalar garante a continuidade dos estudos das crianças hospitalizadas, promovendo uma ambientação adequada. Essas propostas ao mesmo tempo que motivam, desviam o foco da doença, tornando o tempo de internação menos exaustivo, mais leve e, ainda, garantindo o direito à educação.

MATERIAIS E MÉTODOS

Na educação hospitalar, os processos curriculares são enfatizados; no entanto, esse é um movimento que se apresenta levando em consideração a condição física da criança e seu interesse e motivação pelas atividades educativas. O contexto hospitalar exige propostas educativas que abranjam os conteúdos curriculares dentro de um planejamento flexível que tenha o educando hospitalizado como o centro do planejamento, respeitando os tempos e as maneiras que cada um aprende.

Nesse viés, para Paulo Freire, as aulas devem se constituir e serem estabelecidas em propostas definidas mediante diálogo entre educador e educando, observando-se as condições e necessidades destes, nunca esquecendo dos princípios éticos da profissão, para não “[...] invadir a privacidade do outro e expô-la aos demais” (1996, p. 82).

Para tal, buscando compreender às práticas desenvolvidas em classe hospitalar, o estudo em questão seguiu uma abordagem qualitativa, por meio de um Estudo de Caso, além de uma pesquisa bibliográfica e documental e de uma pesquisa de campo. A produção dos dados aconteceu a partir das fontes de evidências apresentadas nas entrevistas semiestruturadas que foram gravadas e posteriormente transcritas. O intuito foi de que as entrevistadas explanassem livremente sobre o assunto, considerando possíveis desdobramentos da temática principal e no Diário de Campo no qual foram registradas anotações das observações, descrições e percepções da pesquisadora no decorrer do processo de investigação. Os dados gerados foram

analisados a partir das categorias e subcategorias que emergiram da Análise Textual Discursiva (ATD), de Moraes e Galiazzi (2007). Segundo os autores, a ADT se trata de “[...] uma abordagem de análise de dados que transita entre duas formas consagradas de análise na pesquisa qualitativa que são a análise de conteúdo e a análise de discurso” (Moraes; Galiazzi, 2006, p. 118). O fundamento de uma análise textual discursiva reside no ato de escrever como ferramenta mediadora da produção de sentidos e, como resultado, em processos recursivos, a análise passa da abstração empírica para a teórica, que só pode ser alcançada se o pesquisador fizer um intenso movimento de interpretação e argumentação.

As participantes entrevistadas foram duas pedagogas que atuam na Classe Hospitalar Escola de Vida, no Hospital São Vicente de Paulo. Usamos como critério de inclusão na pesquisa, professoras graduadas em Pedagogia. A participação de cada profissional esteve condicionada à aceitação e autorização para a realização do estudo por meio de assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. Respeitando o direito de confidencialidade, usamos as nomenclaturas de “Professora Rosa” e “Professora Azaleia” no decorrer do processo de análise

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Paulo Freire, em *Pedagogia da Autonomia*, descreve sua preocupação em desenvolver sua prática educativa em um clima alegre. Porém, parece contraditório falar sobre um "clima alegre" quando a aprendizagem ocorre em um hospital. Mas, o autor acredita que “Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança” (Freire, 2014, p. 70), a esperança de que professores e alunos possam aprender e ensinar juntos, inquietando-se e produzindo em parceria, resistindo aos obstáculos que comprometem a alegria.

As práticas desenvolvidas na Escola de Vida acontecem no leito, no ambulatório e na sala da Classe Hospitalar. Em todas as situações, observamos que há sensibilidade e respeito pelas crianças e pelos adolescentes em tratamento. “O encontro entre saúde e educação, oportuniza uma visão integral da criança enferma, permitindo compreendê-la como ser em pleno desenvolvimento” (Rodrigues, 2018, p.142). Para que esse encontro resulte em práticas reais de humanização e atenção à criança hospitalizada, é necessário que haja reciprocidade na relação de colaboração. A Professora Azaleia explana os espaços e a forma que os atendimentos acontecem:

Nossos atendimentos acontecem no hospital de duas maneiras [...] ambulatorial, que

são aqueles que fazem a quimioterapia no ambulatório. Então, alguns vêm uma vez por semana, outros vêm a cada 15 dias. E nós temos os pacientes que fazem a quimioterapia internada. Geralmente, os que fazem internado são devido a medicações que, às vezes, são um pouco mais fortes. Então têm mais reação [...] nós recebemos uma lista de pacientes a serem atendidos. A partir dela a gente faz os atendimentos. O atendimento, ele dura, às vezes até uma hora, mais ou menos, depois disso, eles cansam. Com a quimioterapia, eles ficam muito cansados, eles têm muita náusea, logo o que eles fazem ali, os dois primeiros dias depois da *químio*, eles ficam muito desanimados, então a gente busca fazer no tempo deles, respeitando a saúde e a situação deles. (Professora Azaleia).

Portanto, às práticas pedagógicas desenvolvidas são fomentadas de acordo com as especificidades e possibilidades diárias de cada educando hospitalizado, elas acontecem de forma humanizada, com a parceria entre equipe pedagógica e de saúde. As professoras buscam adaptar o contexto e as práticas para que sejam atrativas e promovam – além de ensino e aprendizagem – satisfação, autonomia e bem-estar para o educando, cada atendimento é único, específico e individualizado.

O planejamento é elaborado pelas escolas de origem das crianças e dos adolescentes hospitalizados, mas efetuadas dentro das possibilidades. Portanto, as professoras concentram-se na mediação e orientação do conteúdo, porém, com total autonomia para adaptar ou alterar o cronograma e/ou as atividades. Identificamos que a compreensão que as docentes entrevistadas apresentam em relação às práticas e fundamentos pedagógicos hospitalares foi e está sendo construída a partir das experiências e vivências produzidas pela classe hospitalar.

Dentre os desafios apresentados pelas professoras, destacamos os relacionados à formação especializada e ao emocional nas situações cotidianas, principalmente, diante do óbito; essas foram mencionadas em vários momentos durante as entrevistas. As falas das entrevistadas evidenciam a constante necessidade de controlar as emoções diante das situações cotidianas:

[...] um grande desafio, apesar da terapia, apesar das reuniões com equipe, no momento que a gente perde um aluno. Isso, pra mim, ainda, eu não sei lidar muito com esse emocional. Não tem como no outro dia você não ter aquele sentimento de luto. Depois, não é que você aceite... Não é assim. É difícil, difícil, mesmo. Mas aí, com o passar do tempo, você começa a levar mais em consideração o que foi feito. Então, é feito de tudo [...] até o último remédio que é possível. Mas, às vezes, não se tem sucesso [...] e eles perdem pro câncer. A gente perde pro câncer. Então, isso ainda é um grande desafio pra mim (Entrevista, Professora Rosa).

Na fala das entrevistadas, notamos o quanto é desafiador se manterem centradas, conviver com o luto enquanto continuam o acompanhamento pedagógico com as outras crianças e adolescentes. Por fim, os resultados fizeram emergir conhecimentos significativos acerca da Classe hospitalar e de como “ser professor” em classes hospitalares, aspectos que possibilitam expansão e aprimoramento do trabalho do professor, nesse contexto tão complexo.

CONCLUSÃO OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os profissionais que optam em atuar nessa área precisam desenvolver uma escuta atenciosa e realizar uma reflexão sobre porque a criança ou o adolescente está hospitalizado para tratá-lo como um ser completo, sempre respeitando suas limitações. Percebemos que é importante que haja um preparo psicológico antes, durante e após (aposentadoria) atuação no ambiente hospitalar. Acerca de reflexões referentes à classe hospitalar Escola de Vida, faz-se necessário evidenciar e parabenizar a parceria entre a Secretaria de Educação, o HSVP e o Ministério Público para a concretização da Classe Hospitalar Escola de Vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Federal da Fronteira Sul que me acolheu na Graduação e no Mestrado, apresentando-me um mundo de possibilidades e despertando meu senso crítico.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. Resolução nº 41, 13 de outubro de 1995. Direitos da Criança e do Adolescente Hospitalizados. **Diário Oficial da União**, Brasília, 17 out. 1995. Seção 1, p. 319-320. Disponível em: <https://www.gov.br/participamaisbrasil/blob/baixar/21417> Acesso em: 01 nov. 2023.

BRASIL. Presidência da República. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm Acesso em: 01 nov. 2023.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MATOS, Elizete Lúcia Moreira; MUGIATTI, Margarida Maria Teixeira de Freitas. Pedagogia hospitalar: a humanização integrando educação e saúde. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

RODRIGUES, Senadaht Barbosa Baracho. Entre a classe hospitalar e a escola regular: o que nos contam crianças com doenças crônicas. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação – PPGEd, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.